

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE *Angele Agostini*
109 R. do Ouvidor



Pela segunda vez, depois de tantos seculos, o veneravel patriarcha Noé...
sentio-se incommodado. Fartou-se de uvas de S. Paulo; está dito tudo...!
O Dr. Campos da Paz é o culpado! Cumprindo o nosso dever, cobrimos o biblico
e respeitavel velho.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre	14\$000	Semestre	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 14 DE MARÇO DE 1896.

ACÇÃO E GOVERNO

Quando a 15 de Novembro de 1889 se aluiu o edificio monarchico, entendeu o governo provisorio, chamado a dirigir a Republica, que uma das suas missões era reformar todos os serviços publicos.

A crise aguda da transformação politica encontrou campo facil nos habitos já inveterados do passado regimen, em que os ministerios que se succediam com pequenissimos intervallos pretendiam todos deixar em reformas o signal indelevel de sua passagem.

A febre reformadora do governo provisorio não deixou pedra sobre pedra, esquecendo-se de que alterando regulamentos não modificava os homens, nem os costumes publicos, nem os nossos vicios de educação. Os decretos succederam-se uns aos outros, tudo se revolveu: secretarias, arsenaes, bancos, tribunaes, collegios e academias.

Melhorou muito com isso a administração? E' licito duvidar, á vista das queixas que de ha muito se reproduzem nas folhas diarias.

A actividade morbida do primeiro governo republicano foi além do que se fazia preciso; bastaria accommodar a legislação vigente ás instituições novas, e quando muito alterar mais radicalmente algum serviço publico que o estivesse reclamando com insistencia.

Ao governo do marechal Deodoro seguiu-se a 23 de Novembro de 1891 o do marechal Floriano, que iniciando a sua existencia com a restauração da lei fundamental, poderia ter sido uma administração benefica e abençoada pelo paiz. Assim não aconteceu. As paixões, os interesses particulares e o predominio de grupos nunca se exer-

ceram mais lamentavelmente sobre o serviço publico.

Começando pelo attentado fatal das deposições dos governadores estadoaes, pela reforma das constituições respectivas á força de baionetas, e concluindo com a reforma abusiva e dictatorial dos generaes, esse governo levantou uma tempestade de odios e por fim provocou a revolução.

Vimos todos o que foi semelhante periodo luctuoso, cujas tristes consequências ainda hoje se fazem sentir no seio da nossa sociedade.

Raiou o 15 de Novembro de 1894, e a grande maioria da nação brasileira poudé saudar com hosannas o governo presidencial do Sr. Dr. Prudente de Moraes, que a todos se afigurava o iris da bonança depois do vendaval que nos flagellára.

O novo presidente chamou para seu lado homens, sinão todos extremes de qualquer macula politica, pelo menos dignos de sua confiança, influentes em suas classes ou de reconhecido talento. E tomou as redeas da administração em meio das benções do povo, aureolado por uma tradição nobilissima, prometendo-nos governar com a lei. Tinhamos sede de lei e de justiça.

Pois bem; são passados dezeseis mezes, e a somma dos beneficios esperados não corresponde ao que o paiz aspirava.

E' certo que o Sr. Dr. Prudente de Moraes, dando-nos a pacificação do Rio Grande do Sul, estancou um rio de sangue e prestou ao Brasil um grande serviço. E' certo que annullando algumas ilegalidades commettidas por seu antecessor, desempenhou-se do seu programma de justiça e deu satisfação á opinião publica. E' certo que não esbanja nem opprime.

Mas, apesar de tudo isso, é visivel o desgosto popular, deante das irregularidades da administração subalterna denunciadas todos os dias, e deante sobretudo das condições economicas que se aggravam, pezando sobre a vida particular com onus progressivamente crescentes.

O cambio a 8 1/2 é um gerador de desastres.

Dirá o honrado presidente da Republica que não foi elle o causador d'estas calamidades financeiras, que nos affligem. De accôrdo. Mas como é go-

verno, e como a funcção de governar importa a necessidade de agir, o que a nação d'elle reclama é que se não deixe ficar na quietação musulmana, que nada remedeia e que antes agrava os nossos males.

Os passados governos peccaram e comprometteram o paiz, querendo tudo fazer com lei ou sem ella; o governo actual pecca não querendo intervir, receioso do Congresso sobre o qual poderia influir beneficemente, receioso de desagradar a influencia de partidos, receioso de tudo e de todos, em uma palavra.

A probidade immaculada, as intenções puras do chefe do Estado, não bastam em emergencia tão cruel. Acção e effectividade de governo — é o que as nossas circumstancias calamitosas exigem.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote*, (rua do Ouvidor 109, assignaturas 30\$ por anno para os Estados, 25\$ para a Capital — e o que é um negocio da China para os nossos assignantes — filantes á parte) passa sem novidade em sua importantissima saúde, e vai de vento em pópa.

E' que cambio a 8, mais 1[4, mais 3[16, mais 16[16, não altera o seu *modus-vivendi* nem as suas finanças, que não são positivamente rodriguesalvicas.

Vai-se vivendo.

Telegrammas publicados pelos melhores jornaes d'esta capital — e são todos — dão noticia da organização do novo ministerio italiano, no qual entram Brin, ministro da marinha, Banea, ministro das finanças, Carmin, da justiça, Granturco, da graça e cultos, e outros mais.

E' um ministerio completo: de fazenda tem brim, que é fazenda boa e duradoura; quanto as côres parece o arco-iris com os sete ministros, arvorando as intermediarias branca e carmin, com que formam o prisma; por fim tem o Grão Turco... e de graça.

E o que é uma parcella a levar á columna dos lucros, depois das perdas de Adua.

Segundo affirmam os noticiarios bem informados, o Sr. Godofredo Furtado, nomeado director do Gymnasio Paulista, dirigiu préviamente officio ao Apostolado Positivista d'esta capital (benedicite, padre-mestre!) perguntando se póde acceitar o cargo para que foi convidado.

Não se sabe ainda se o illustre nomeado consultou no mesmo officio se pôde usar ceroulas de linho e camisas de flanela, e se não offende a Clotilde de Vaux comendo lombo de porco com feijão branco — aos sabbados.

A resposta do Centro Positivista é esperada com especial anciedade.

O *Paiz*, que tem o justo orgulho de haver iniciado a campanha contra a cousa infecta chamada Ilha das Flôres, propõe que se a denomine de ora avante — Ilha das Dôres...

Se nos dessem a palavra pela ordem proporíamos — Ilha dos Horrores!

Toda a imprensa d'esta capital reclamou, indignada, contra o facto de ser concedido *habeas-corpus* a um gatuno, sollicitado por um outro a quem appellidaram — *gatuno advogado*.

Ora essa! Se ha advogados gatunos, porque não haver gatunos advogados?!

No serviço telegraphico da *Noticia* encontramos interessante communicação: o general Baldissera mandou o coronel Salsa ao negus Menelik, para pedir-lhe que enterre os mortos de Adua e lhe envie o nome dos officiaes prisioneiros.

A esse telegramma falha a nota final: o general Baldissera tambem perguntava a Menelik como ia de saúde e pedia-lhe para dar lembranças a sua mulher e a seus filhos.

Cousas de guerra — e de salada com salsa.

A *Gazeta de Noticias* escreveu ha quatro dias que foi *surprehendida* com o numero 56 do jornal de modas *Petit Echo de la Mode*, e que tal numero lhe foi entregue pelo Sr. Reynaud, do *Brésil Republicain*.

E' effectivamente caso para surpresa, e surpresa extraordinaria, inconcebivel e estupefaciente: o *Petit Echo* publica-se ha 18 annos apenas, e quem o entrega é sempre o Sr. Reynaud...

O' Céos! Que surpresa!

Continuam os preparativos de guerra no Chile e na Republica Argentina.

Mais encorajados, maior numero de tropas chamadas a serviço, extraordinarias: compras de armamentos aperfeiçoados, e medidas attinentes a tornar suas costas defendidas e bem armadas...

Os nossos dous guarda-costas, o Pão de Assucar e o Corcovado, vendo as barbas dos vizinhos arderem, tomam pro-

videncias por sua vez, entram em acção e... e resolvem ver em que param as modas!

E com o que poem termo ao seu trabalho

Os reporters,
ESCENA & MONTRY.

AGUA EM PARAGRAPHOS

Referindo-se ao abastecimento da agua á hospedaria de immigrants da Ilha das Flôres, ordenado pelo Sr. presidente da Republica, ainda que sem consignação de verba no orçamento, o Sr. Didimo Agapito, da Veiga e do Contencioso, cita um chuveiro de leis e uma multidão de paragraphos concomittantes, para provar que o Tribunal de Contas era impedido «de concorrer para que se applicasse ás obras de canalisação de agua para aquella ilha, a consignação destinada a prover ás despesas imprevistas que pudessem tornar-se necessarias no serviço de transporte de immigrants da Europa.»

«Ora bravos, meu bem, tome lá!» como se diz na trova popular.

Não ha como os paragraphos para chegarem a conclusões tão racionais e tão estapafúrdias como essa: o dinheiro é destinado a qualquer despesa imprevista — para o transporte dos immigrants; para o caso imprevisto de elles não terem agua para beber aqui no Brasil, ou terem de beber-lhe, suja, porca, immunda e insalubre, tirada de uma asquerosa cisterna — isso é que não!

Que morram á sede ou que morram victimas de affecções contrahidas pela ingestão d'essa agua infecta! Assim o exigem e preceituam os paragraphos, esses famosos paragraphos que se referem a qualquer caso imprevisto em que se pôde fazer despesa com o immigrante, mas que se oppõem peremptoriamente a esse unico, sem valor e sem importancia: — o caso de faltar agua ao immigrante para beber, de não ter agua para se lavar!

Os taes paragraphos são muito sabios, é forçoso confessal-o; mas tambem são muito cruéis — e muito porcos...

Digam-nos cá, porém, uma cousa: nos tempos da finada Legalidade, por onde andava o Tribunal de Contas, que a deixou fazer despesas de toda ordem, sem fé nem lei, sem rei nem roque? E os paragraphos, vamos! por onde se metteram então esses terriveis paragraphos, tão escriptos hoje em fazer respeitar os orçamentos e as consignações?!

Olhem: sabem que mais?

Batatas.

LÉO.

EM PENCA!

Demissões em massa, muitas demissões, demissões em penca, por toda a parte, em todas as repartições, de todos os ministerios.

Com licença... não é isso! Por enquanto — só no ministerio da viação, agricultura e irregularidades publicas.

Foi alli, no ninho coberto pela auctoridade incontestavel do Sr. Dr. Antonio Olyntho que começou a tempestade borrasqueira das demissões. Deu origem ao sinistro a grave denuncia feita pelo *Paiz* relativamente ao estado verdadeiramente vergonhoso em que se encontra a

Ilha das Flôres, por singular euphemismo denominada pomposamente Hospedaria de Immigrantes.

O rebate dado com todas as forças por aquelle jornal despertou os publicos poderes, adormecidos na doce paz do Senhor Deus dos Christãos... E como o Sr. Dr. Olyntho andava passeando a sua pasta lá pelo Joazeiro, o Sr. presidente da Republica esperou pacientemente que S. Ex. volvesse da sua viagem para tomal-o pelo braço e conduzi-lo, de *par cœur* ou *par force*, até á famosa Ilha que de flôres só pôde ter as de ortiga ou de abobora ou de monturo.

E S. Ex. Olyntho, da Viação, acompanhou o Sr. Prudente de Moraes.

S. Ex. alli chegou, viu... e demittiu. Desde o inspector geral da immigração até o ultimo funcionario, passando pelo respectivo administrador e apenas resalvando da catastrophe o corpo medico, a que não se podia attribuir a minima parcella de responsabilidade, desde que em tempo e repetidas vezes reclamára contra o descalabro que reinava — ou *republicava* — n'aquelle estabelecimento publico.

Tomou a foice das demissões... e era uma dia o corpo de funcionarios, em extremo descuidados, e de exíguo escrupulo no desempenho de seus deveres.

Devastação completa.

Agora pergunto eu, e aqui muito á puridade:

— E aquelle mais alto funcionario, o que tem mais elevada responsabilidade do seu cargo, o ministro da Viação, Industria e Descalabros Publicos? Que se lhe fez? Que punição soffreu? Que castigo cahiu-lhe sobre a fronte?

Não ha negar que S. Ex. era o primeiro dos culpados d'esse lamentavel estado da Estrebaria das Dôres; que S. Ex. tudo ignorava; que para verificar a existencia de tão tetricos horrores implantados de ha muito em uma repartição subordinada á sua direcção e auctoridade, foi mister que o levasse até alli o proprio presidente da Republica, e que o primeiro magistrado do paiz descesse a esquadrinhar latrinas, a provar agua de immunda cisterna, a percorrer infectos compartimentos e de si proprio resolvesse a respeito, exercendo o officio de um chefe de secção, qual se não tivesse um secretario de Estado especialmente encarregado de curar de taes assumptos...

A rasoura official deixou passar os mais altos arbustos, ceifando as plantas mais rasteiras. Tambem que querem? S. Ex. tem bom coração — e não podia demittir-se a si mesmo!

Tambem na E. F. C. B. com as chuvas ultimas cahiram algumas barreiras — e muitas demissões.

E' o caso, que o illustre director da estrada resolveu fazer uma excursão pela linha do centro — já não foi sem tempo! — e na sua viagem de inspecção teve ensejo de apreciar de *visu* as irregularidades do serviço e quanta razão assiste ao publico quando exprime suas queixas esse

manifesta contra a desorganisação que alli se observa.

De volta d'essa excursão, o Sr. marechal resolveu muito acertadamente demittir os empregados desidiosos ou incompetentes... E ainda mais uma vez escapou o Sr. Dr. Antonio Olyntho, pois é pela pasta da Vição e Desservigos Publicos que correm os negocios da mal-humorada estrada, e dos quaes tem S. Ex. a mais immediata responsabilidade, surdo como se tem mostrado aos reclamos da opinião!

—

Assim pois: demissões em massa, muitas demissões, demissões em penca... E o Sr. ministro, ainda em trabalho de digestão dos muitos vatapás que ingeriu na Bahia — sempre firme, firme sempre, no seu posto e na sua pasta.

E' para quem quizer.

FELIX.

A SEMANA

Foi ha dias. Espertos e vivos,
Cinco presos lá da Correção
Deram sebo aos jarretes captivos,
E fugiram da negra prisão.

— Mas fugirem d'alli? E' possível?!
Intrigado pergunta o leitor...
Fogem, sim, por caminho terrível:
— Pelos canos de... de mau odor!

Um dos cinco foi logo apanhado,
E de novo na cella mettido;
Não sem antes ter tudo contado,
Por miudo a evasão referido.

Nove horas, por baixo da terra,
E por dentro dos canos andaram,
Respirando um perfume que atterra,
Uns olôres que quasi os mataram.

Afinal, alta noite, uma lage
Levantaram... Sahiram sem damno;
Mas lembrando de longe o Bocage:
« Meia-noite; o tal Crispiniano... »

Resultado: Foi elle filado,
Trescalando um terrível fedor;
E de quebra, por ser desastrado,
Demittido foi o director!

O cambio, o lesto cabrito
Saltador e sem igual,
Fez afinal um bonito:
Subiu um pouco afinal!

Dizia-se, immerso em pranto:
« A nada o bruto se move! »
Moveu-se. E dos oito e tanto
Subiu á casa dos nove.

Porque foi essa subida
Que todos alegres vemos?
E' que ao cambio só dá vida
Delicadeza em extremos:

O ministro da fazenda
Foi visitado, e sorriu...
E ao descer á sua tenda
O cambio logo subiu!

Não deixa de ser cousa exquísita
Ter tanto valor simples visita!

Nova feliz e meritoria
Nos dão jornaes bem reputados:
Estão extinctos, acabados,
Horrores mil do Lombardia.

A febre *gialla*, em rumo vário,
Deixou em paz esse navio,
Queimando-o de fio a pavio,
Matando tudo... Uma *razzia*!

O facto é extraordinario,
Merece ser em verso posto,
E o faço aqui com muito gosto,
Dizendo-o ao povo, ao mundo e ás gentes!
Do grande evento é certa a gloria
Dos que combate á bicha deram:
Ella, que á força elles correram,
Foi-se... sem ter mais combatentes!

Desinfecções, medidas sérias
Da hygiene em mar e terra,
Tudo que está hoje na berra
Mandado foi executar.
O resultado é uma historia
Que os deve honrar p'ra toda a vida:
A epidemia foi vencida...
— Não tendo mais a quem matar!

Quanto ao caso da Ilha das Flôres
O melhor é deixal-o onde está...
Vergonheiras, desidias, horrores!
— Sugidade, que nojo nos dá!

Foi preciso — que cousa indecente!
Para vêr o que disse o Paiz,
Ir alli em pessoa o Prudente
E metter no paúl o nariz!

Tudo era a expressão da verdade,
— Tudo quanto se leu nos jornaes.
Mas que crúa deshumanidade!
Oh! que scenas crueis, infernaes!

Foi presente o Dr. A. Olyntho,
E puniu quem foi visto culpado...
Muitos foram. Mas um — quanto sinto!
(O ministro) esse foi o poupado!

Se não fosse levado a reboque,
Não seria feliz d'essa vez...
Ora toque, Paiz! Ora, toque!
Você fez figurão... oh! se fez!

No meio da trabuzana
Um incidente se deu:
Quasi que fica pastrana
Um diplomata, Deus meu!

Cem mil réis mandou d'esmola
Aos pobres da hospedaria...
Ai! quasi que o povo o esfôla,
Enforcado até quieria!

O caso foi explicado:
Bem sahio-se o Sr. Phipps.
Se não, o caldo entornado,
Não era de *hurrahs* e *hips*...

Quanto aos negocios lá do Amapá,
Da tal commissão mixta,
O nosso Serzedello lá está
Fazendo sempre vista,
N'um chôro que Deus dá...
Que gosto que é a gente subir vel-o,
— O nosso Serzedello!

Agora mesmo chega um telegramma,
Que é um favo de mel!
A gente do Amapá quiz promovel-o;
Seu salvador em gritos o proclama
E fel-o coronel,
Seu chefe fel-o,
Ao nosso bom chorão, — o Serzedello!

Esse menino é mesmo um felicissimo...
Está alli — e está generalissimo!

F. MENDES.

CORREIO DA TARDE

Suspendeu sua publicação este jornal, um collega distincto e que honrava a classe.

Pelo que claramente e com a maior franqueza declarou ao publico, fechou as portas porque lhe faltaram recursos, apezar da grande somma de sacrificios que fez, de ingentes esforços que applicou, no sentido de agradar — como de facto agradou — á gente que lê no Rio de Janeiro.

E' um companheiro que cahe no caminho, que succumbe na lucta, tendo aliás exercido as suas funcções com grande hombridade, com enorme dóse de patriotismo. E sinceramente deploramos o insuccesso, porque trata-se de um collega digno, que teve a seu serviço a penna fulgida de Martinho Garcez, um jornalista privilegiado, que discute com energia e vehemencia, mas que parodiando Buffon, antes de traçar seus periodos calça luvas de pellica, — as mangas de rendas dos nossos tempos; que viu suas columnas engalanadas pela phrase tersa de Antonio Pinto, pelos conceitos sensatos e elegantos de Jacques Ourique; em cujas columnas surgiu o talento surprehendente de Jocelyn de Godoy, organização completa de jornalista, que como Minerva sahio armado em guerra da cabeça do Jove da imprensa; — tenda de trabalho de tantos outros que fizeram do *Correio da Tarde* uma folha digna de publico apreço pelos combates que travou em prol da boa causa e nos quaes revelou coragem sem par.

Succumbiu. Resta-nos dar pesames, não á sua direcção, mas á imprensa fluminense pelo desfalque notavel que se fez em suas fileiras.

THEATROS

Ora venha cá, Dr. Vicente Reis: dê-me você a mão direita... assim. Agora, a esquerda... assim. Leve lá essa duzia de bôlos, e bem merecida, para não escrever mais peças que scandalisam o publico, os noticiarios e a critica! Chuche, e não bufe!

×

Não tem você um estalão para medir e preparar seus trabalhos destinados ao palco? Ahi bem perto não tem você o *Tim-tim*, e um pouco além a quint'essencia da litteratura theatral, a obra prima denominada *Pão pão, queijo ardidado*, que todas as noites attrahe um publico numerosissimo e o edifica e embasbaca?

Apanhe, Sr. Vicente Reis, que é bem merecido. Apanhe e vá aprender com o *Pão, pão*, como é que se amassa esse pastel intitulado revista; apascente seu espirito no estudo meditado d'aquelle primor; decôre os seus trechos brilhantes e inimitaveis; procure abeirar-se o mais possivel d'aquelle producto espontaneo dos mais avantajados talentos da actual geração; reveja-se n'aquelles processos em que a arte pura se rejubila; ouça, medite e lucrará...

Faça *Pão, pão*, Sr. Vicente! Sr. Reis, faça *Queijo, queijo*! Pão com queijo, queijo com pão — e deixe correr o barco e nunca mais terá de receiar uma pateada nem sentirá pavor de enfrentar com a critica indigena — e trapa-lhona!

Porque a verdade é que não se sabe bem a que attribuir a severidade da tal critica, que achou má a peça, nem a offensa ao bom gosto do publico que a pateou.

Ellas por ellas, a revista *O Zé Povinho* vale tanto quanto umas certas fancies que têm tido a sagração dos cultos espiritos que perambulam pelas columnas dos jornaes fazendo critica, e seguramente vale muito mais do que determinadas e inqualificaveis bambochatas (não é para qualificar-as, mas para apontar-as) que dão aos nossos palcos, em noite de espectáculo, o aspecto interessante de uma população subitamente atacada de choréa ou de uma sala de manicomio em acção, propositalmente exposta ao publico ávido de sensações fortes e desencontradas.

Evidentemente, em que é o *Zé Povinho* inferior a um sem numero de productos teratologicos, verdadeiros aleijões theatraes que sobem á scena por essas casas de espectaculos com a denominação de revista do anno, e nas quaes o condimento unico, a *conditio sine qua non* é o escandaloso *maxixe*, planta nativa dos nossos campos de arte, em que é mister que os homens exhibam com furor a immoralidade e as mulheres desconjunctem as articulações da bacia n'um rebolar bamboleado, destinado a curso de aprendizagem das frequentadoras dos mais infectos *sambas* da Cidade Nova?!

Salvem-se o *Mercurio*, o *Bilontra*, *D. Sebastiana*, e outras em diminuto numero, e as restantes orçam pelo mesmo nivel do causticado *Zé Povinho*, se não lhes levam as lampas em inferioridade—e borracheira.

A pateada com que estreou a peça—dizem que as manifestações de tações dão felicidade—é attribuida ao apparecimento de uns typos conhecidos e ás verdades cruas sobre elles externadas... Tem graça isto, na terra em que se expõe no palco as pessoas mais respeitaveis, deturpando-lhes os actos em que se evidenciaram, achincalhando-as, cobrindo-as de ridiculo, e isso com fervoroso applauso do publico amador e plena acquiescência da critica indulgente!

E o melhor é que o *Zé Povinho*, apesar da pateada da primeira noite, vai de vento fresco e segue carreira feliz... Será devido isso ás modificações de que fallaram os jornaes, aos quadros novos acrescidos ao libreto, á excellente musica de Abdon Milanez?

Nem sei eu... Que respondam a isso as pobres mulheres que todas as noites retiram-se derreadas para suas casas, sentindo desmancharem-se-lhes os quadris no saracoteio rebolado com que têm de exercer o *maxixe*, no santo e louvavel intuito de o elevar á altura de um principio... artistico e theatral.

Por isto ou por aquillo—lá vai o *Zé Povinho* caminho do centenário.

No theatro Variedades a *troupe* Ismenia & Dias Braga prosegue na faina de levantar o theatro nacional decahido, reeditando os dramas do velho e estafado repertorio.

Agora, na *Filha do Mar*, apparece um galã que de futuro poderia a vir sel-o, se apren-

desse alguma cousa e tivesse alguma voz,—o que tudo por enquanto n'elle não passa de uma aspiração... talvez irrealisavel.

Ainda na mesma peça, como em outras já representadas n'esse theatro surgem uns *artistas*... que Deus nos acuda! que ninguem sabe como os directores da companhia têm coragem de com elles jogar scenas, encambulhando-os com o Ferreira, com Adelaide Coutinho, com outros de real merecimento!

E é assim que se pretende salvar da *degringolada* o malsinado theatro nacional!

D'essa companhia succumbiu esta semana um actor novel, mas dotado de valor, Venancio dos Santos. A febre amarella agradou aquella promessa de bom artista, que viria ser forçosamente, dados a sua vocação e o seu talento, e o amor com que se dedicou ao estudo da arte que elegera por profissão.

Por isso mesmo que tinha verdadeira *quêda* para o theatro, morreu cedo... Fica por ahi uma multidão de N. N. para o substituir.

No S. Pedro de Alcantara deu um temeroso tiro, domingo passado, o applaudido artista Cardoso da Motta, com a grande peça de effeitos *D. Pedro V*, recheiada de pavorosas complicações e um milhar de cousas estardalhantes.

O que deu mais brilho á peça—dizem os cartazes,—e o que ajuntou mais um aos seus muitos *matadores*, foi o acrescimo de um quadro, antes do qual o mesmo actor Motta recitou esplendorosa poesia, e quadro intitulado:—*A prisão do Gungunhana*...

Ainda! E no theatro, ó Gungunhana? Olha que isto esbandalha a gente humana!!

TONY.

COMICIO LAGRIMAL

Alli pelas regiões septentrionaes do Brasil, lá onde se encontram papagaios em bandos, exereitos de onças, febres palustres aos montes, e florestas de seringas—na terra do Pará, onde chove todas as tardes houve ha dias um grande comicio, organizado unicamente para o fim especial de ser levantado um protesto contra a idéa, ou contra a acquiescência do nosso governo, de acceitar a criação de uma comissão mixta que fosse dirigir, e presidir, e encaminhar as questões de auctoridade no territorio do Amapá.

Ao que consta dos telegrammas recebidos, o orador official da festa... digo, do comicio, foi o illustre dr. Serzedello Corrêa. E os mesmos telegrammas chamaram á cousa—um comicio popular.

Protesto com toda a força, opponho-me com a maior vehemencia; voto contra, com todo o peso de mil e tantos eleitores, que me acompanham n'esta manifestação, inteiramente desprovida de qualquer caracter politico mas profundamente adstricta á pura defesa e á inteira reabilitação da verdade!...

Comicio terá sido... popular é que não!

Nós conhecemos o homem. Fomos nós eleitores que lhe doámos um diploma de deputado. Fomos nós que lhe descobrimos o geito e a tendência para boneca que chora. Fomos nós que levámos a sua lagrima até ao seio da representação nacional. Fomos nós que recolhemos em nossas mãos e em nossos peitos aquelle pranto inexgotavel, pranto depurado na rétorta do encarceramento na Correção e cuidadosamente coado nas malhas imperceptiveis do trançado

de um chapéu de palha do Chile. Fomos nós que descobrimos que esse homem não fallava—lacrimava; que esse homem não discursa—chóra.

Ora, dizerem telegrammas do Pará que alli houve um comicio, e que de tal comicio foi orador o Sr. tenente coronel Serzedello, e que esse comicio foi popular... Pipócas!

A verdade, uma e unica, foi esta, que as agencias telegraphicas deturparam e que os jornaes d'esta capital distrahidamente inseriram em suas columnas, sem saber quanto mal faziam á historia do Brasil contemporaneo: o que houve em uma tarde, n'um dos primeiros de Março de 1896, na capital do Pará—foi um comicio lacrimal.

Foi chorador (e não orador) o Sr. tenente coronel Dr. Serzedello Corrêa, que a proposito verteu sobre o assumpto lagrimas as mais sentidas, as mais politicas e as mais arrependidas que se pôde imaginar. Depois do que S. Ex. transmittiu ao Sr. Presidente da Republica um despacho telegraphico, que aqui chegou, inteiramente ensofado a escorrer agua, não por ter vindo pelo cabo submarino—mas porque era emanado das glandulas lacrimaes de S. Ex., glandulas profusamente aparelhadas e sempre promptas a emittir dois fios de choro, de accordo com as necessidades de occasião!

E uma vez restabelecida a verdade—choramos mais uma vez sobre mais essa manifestação do caracter do nosso deputado e chorão-mór, que aqui é do Sr. Prudente de Moraes e lá na cidade de Belem, Pará, chora sobre elle, o mesmo Sr. Prudente... lagrimas de crocodilo. Em todo o caso, o comicio foi puramente lacrimal.

M. S.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

PETALAS, collecção de contos e phantasias de Arthur Goulart, publicados na typographia do *Município*, em S. Paulo, e trazendo cartas litterarias de Carlos Ferreira e M. Carneiro. Mais de espaço fallaremos a respeito.

DISCURSO proferido na solemnidade da collação do grão de bacharel, na faculdade livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, pelo paranymphe eleito pelos bacharelhos, Dr. João Evangelista S. de Bulhões Carvalho, lente da mesma faculdade.

APPELLAÇÃO COMMERCIAL, em que é appellante o Lyceu Litterario Português e appellado o Banco Constructor do Brasil. Refere-se a questão á doação de 300 contos de réis feita pelos incorporadores d'esse Banco áquelle Lyceu, e doação até agora não tornada effectiva.

EXERCICIOS DE GRAMMATICA e analyse lexicologica e syntactica, por um amigo da instrucção, editados pela livraria Savin.

REVISTA AGRICOLA, órgão da Sociedade Pastoral e Agricola, de S. Paulo, e de que são redactores os Drs. Luiz Barreto, Carlos Botelho e Domingos Jaguaribe. N. 12, do 2º anno, contendo importantes e reflectidos artigos, relativos á especialidade a que se consagra essa publicação.

REVISTA PHILATELICA, anno 1º, n. 1, de que é director o Sr. A. Bruck, e redactor o Sr. A. Marques de Souza. Com vista aos colleccionadores de sellos—que já são muitos entre nós.

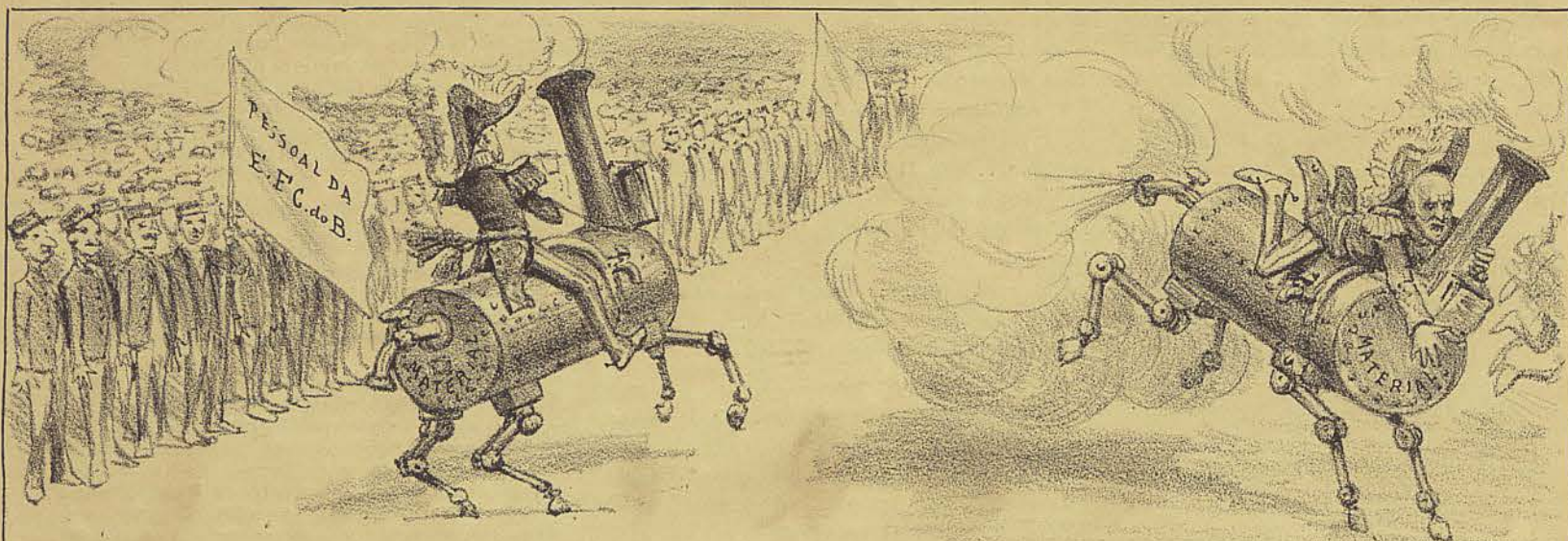
A ESTAÇÃO, jornal de modas parizienses, dedicado ás senhoras brasileiras; n. 4 do 25º anno.

O NOVO MUNDO, (n. 4) a brilhante publicação do philologo João Ribeiro. Traz bellas illustrações, entre as quaes o retrato do Dr. Routgen; um, excellente, do Dr. Prudente de Moraes, e as da capa representando varias vistas do Brasil. Um texto fino e escolhido.

CASA HOLLANDA, noticia dos productos medicinaes da conhecida pharmacia d'esse nome, que figuraram na Exposição Industrial recentemente encerrada.

REVISTA MARITIMA BRASILEIRA, numero relativo ao mez de Fevereiro findo, e da qual é presentemente redactor o capitão-tenente Joaquim Pinto Dias.

Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL



O pessoal da Central é tão numeroso, que constitue um verdadeiro exercito!
Por isso, o governo nomeou um marechal para o commandar. S. Ex.^a passou revista em toda a linha.

O proprio bucephalo que montava o Marechal Jardim, por varias vezes empacou e corcoveou de tal modo, que pôz em risco de vida o illustre cavalleiro!



Na Alfandega, onde imperam as rataxanas officiaes, não se sabe o que mais admirar!
Se a audacia destas a... Surrupiar as mercadorias, se a imbecilidade do nosso Com = mercio, em aturar tamanho escandalo, pagando, ainda por cima direitos fabulosos e armazenagem das mesmas.